

# CAMINHO DA EDUCAÇÃO E AMADURECIMENTO NA FÉ

## Mística do Processo de Educação na Fé

Hilário Dick, sj.

### INTRODUÇÃO

“Uma das opções pedagógicas da Pastoral Juvenil é o *processo integral de educação na fé*. Ela acontece de forma *processual, dinâmica e integral*, sendo um itinerário que o próprio jovem deve percorrer. Não é a toa que a palavra “caminho” signifique *passagem, trilha, espaço, trajeto, percurso*. Traduzindo isso para a Pastoral Juvenil, significa pensar que não há crescimento na fé sem que se faça uma *trajetória*. Ninguém nasce pronto; pelo contrário, a formação é algo que precisa acontecer diariamente, num desafio que cabe a cada pessoa ir superando.

O *processo de educação na fé*, mais do que um simples método ou técnica, tem originalidade e autenticidade que surgem do desejo do encontro e da descoberta de um Deus que se revela em Jesus Cristo, na pessoa humana e na natureza. Esse processo possibilita que o jovem vivencie o projeto de Jesus Cristo, sendo apóstolo no meio de outros jovens, por meio da formação integral, com o jeito cristão de ser, na construção de uma sociedade mais justa, ética e solidária, sinal da civilização do amor.

Concordamos com *A Civilização do Amor: tarefa e esperança*<sup>1</sup>, quando afirma que é necessário que se leve em conta os tempos de crescimento, de identificação afetiva, de assimilação e de compromisso próprios dos jovens. Nesse sentido, é fundamental que a juventude e os agentes que trabalham com ela, estejam dispostos a vivenciar o amadurecimento da fé, apropriando-se mais desse processo, porque não está em jogo somente um discurso sem conteúdo ou uma atitude meramente intelectual, mas uma postura de vida carregada de mística. Não se trata de caminhar pelos jovens, mas pelo contrário, de caminhar com eles!

Há muitas formas de vivenciar e apresentar pedagogicamente esse processo. Por um longo tempo, houve certa tendência *racionalizante e positivista* que se caracteriza pela apresentação lógica, intelectual e fria, deixando de lado aspectos bíblicos e simbólicos que precisam estar presentes tanto na explicação como na vivência dos diversos momentos dessa *educação na fé*. Em todos os *momentos* vividos pela pessoa e pelo grupo há uma *mística* que pode tomar feições muito variadas, ser fonte de inspiração e expressar atitudes interiores.

Inicialmente precisamos esclarecer alguns *pressupostos* do que desejamos transmitir. Não são coisas pequenas, mas sim realidades imensas que, na sua descrição, podem ser tateantes, mas que sabemos acontecer no interior das pessoas”...

---

<sup>1</sup> Apresentação da proposta de evangelização da juventude, lançada pela Conferência Episcopal Latino-Americana em 1997.

## MAIS DO QUE PALAVRAS

### 1. Processo...

Quando procuramos, em qualquer dicionário de língua portuguesa, o significado de *processo*, logo encontraremos: *ação continuada, segmento, curso, decurso...* Percebemos, imediatamente, que esses significados têm muito haver com a idéia de *caminho*. Por isso, se falamos de *processo* queremos referir-nos a um conjunto de “coisas” que acontecem em nossa interioridade por motivações diversas, buscadas, provocadas ou surgidas sem serem convidadas. É um *caminho* que vamos fazendo; uma *estrada* na qual nos defrontamos com situações previstas e imprevistas, que nos alegram, entristecem, desafiam ou nos levam a acomodar-nos. Como numa *travessia* que, por mais que planejam, não deixa de ser misteriosa.

Quando falamos de *processo*, isto é, do caminho e do amadurecimento na fé, não nos referimos a uma coisa parada ou automática. Antes, tem um começo e uma história a ser vivida. Pode ser cultivado ou pode ser esquecido, mas não pára. Assim como podemos descobrir as “coisas” que me fizeram crescer ou diminuir no amor, assim é o *caminho* da fé em mim. Basta ter olho e coração para percebermos onde acertamos ou erramos. *Processo* estacionado não existe: ou se avança ou se retrocede. Se falamos de *processo de educação na fé* significa que queremos perceber como esta fé avança ou retrocede.

Nesse *amadurecimento* podem estar acontecendo muitas coisas: descobertas, dúvidas, leituras, conversas, rezas, seminários de estudo, preguiças, relaxamentos, entusiasmos e decepções. Trata-se de uma miscelânea enorme, assim como a vida. Apesar disso, podemos dizer que tem uma direção. Assim como o amor tem sua direção e seu caminho. A única certeza que temos é que este *processo* começou algum dia e não vai terminar nunca. Como o amor, a fé tem começo e não tem fim. Mesmo que morra... Todos vivemos o *processo da vida*... Todos vivemos o *processo da fé*.

Uma pessoa é mais ela quando sabe observar o que está acontecendo dentro de si: o processo do amor, o processo do crescimento, o processo da maturidade, o processo de ser filho/a ou pai e mãe, o processo de ser cidadão... Somos mais nós mesmos quando sabemos perceber tudo isso. Pelo fato de ser lindo e misterioso, o *processo* carrega dentro de si uma “vibração”, uma alegria de sentido. Isso nós chamamos de “mística”.

### 2. Mística

Podemos dizer que a mística é a alma da espiritualidade. *Espiritual* é a pessoa que deixa viver nela o *Espírito*, o Deus que dá vida. Uma pessoa *espiritual* é aquela que tem vida dentro dela: de esperança, de solidariedade, de sentido, de paz e justiça. Vida... Mística é o resultado da vivência de sentido.

A mística, contudo, não nasce de nós. Ela é resultado do meu relacionamento com o Espírito e, nesse sentido, pode ser experimentada em espaços onde o Espírito se encarna: no meu quarto, nas montanhas, no deserto, na praia, num livro, nalguma igreja, na comunidade, na eucaristia, numa visita a doentes ou pobres... Entretanto é necessário que eu seja capaz e suficientemente atento para ver e perceber, nesse lugar, o Espírito que me deseja dar mais vida. Quando falamos de *mística da educação na fé* queremos falar da alegria e da vibração que há na descoberta e no aprofundamento de minha fé no seguimento de Jesus, de quem aprendemos que a vida é bonita quando a gente se entrega aos outros.

A mística não é algo seco e racional; é algo molhado que alegra o coração sem deixar de ter, também, sua lógica. É algo vibrante, carregado de sentido. Assim como se alimenta na fé, na

esperança e no amor aos outros, ela se torna também uma distribuidora de amor, de esperança e de fé. Uma pessoa tem mística quando é um vaso cheio que transborda.

Repetimos: embora seja dom, a mística precisa ser buscada, comida, estudada, celebrada. Ela está dentro e fora de mim. Ela tem sua raiz em Deus que se revela de muitas formas. Meu quarto é um lugar místico quando, nele, encontro mais a mim mesmo em Deus; uma paisagem é um lugar místico quando nela encontro mais a mim mesmo em Deus; uma praia é um lugar místico quando nela encontro mais a mim mesmo em Deus. Eu sou místico quando sou um espaço divino onde Deus se manifesta em sua riqueza infinita.

Quando falamos de *mística do processo de educação na fé* ou da *mística do caminho e do amadurecimento na fé* queremos falar do humano-divino que acontece em nós no caminho da descoberta do seguimento de Jesus. Ele nos convida a viver a plenitude da vida na doação aos irmãos. Isso não acontece do dia para a noite; mas aos poucos... Em caminhada... Assim como o rio que, devagarzinho, vai se transformando em mar...

O cultivo da mística desse *processo de educação na fé* que desejamos descrever, nos conduz por um caminho antigo, conhecido por todos. Referimo-nos aos lugares bíblicos que vão significar o fundamento do processo da fé. São lugares onde há humanidade e santidade, sabores e sentidos, humanos e divinos, que podem ser vivenciados.

### 3. Lugar

Numa de suas crônicas, no conhecido *Livro dos Abraços*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano, nos recorda como um lugar pode se tornar sagrado em nossa vida:

*(...) E também nós tínhamos encontrado alegria naquela casa de repente amaldiçoada pelos ventos ruins, e a alegria tinha sabido ser mais poderosa que a dúvida e melhor que a memória, e por isso mesmo aquela casa empobrecida, aquela casa barata e feia, num bairro barato e feio, era sagrada.*

Não vivemos fora do tempo e do espaço. Só depois da morte... Por isso precisamos encarnar-nos num lugar. Lugares são casas, quartos, paisagens, praças, bancos, lembranças, com os quais guardamos uma íntima ligação afetiva e que se tornam, para nós, uma experiência de amor. Quem de nós não recorda da casa da avó? Ou de uma viagem inesquecível a um lugar inesquecível? Do primeiro beijo? De uma brincadeira da infância? Da Igreja que freqüentávamos quando crianças?

Também a mística, em nós, anseia por um ninho. Por isso falamos de *lugar*. Esse *lugar* bíblico é um espaço concreto: uma cidade, uma casa, uma região. Ele, contudo, pode ser mais do que simplesmente isso, porque em nosso processo de amadurecimento da fé ele pode tornar-se um *sacramental*. O *lugar* se torna sagrado quando se reveste de sentimento.

Exemplo: Quando a cidade de Nazaré é somente uma cidade como as outras, ela fica sendo somente Nazaré, mas quando lá viveu e trabalhou um grande amigo que tenho, Nazaré se torna algo mais. Dizemos que Nazaré se tornou um “lugar especial” porque a olhamos não somente com os olhos, mas com o coração. Ele tornou-se “sacramental”. Olhar um lugar com coração abre a possibilidade de transformá-lo num “sinal” que fala, faz chorar, faz vibrar, faz dar um sentido vivencial.

Um “lugar” pode ter, ou não, carinho de nossa parte. Esse “carinho” é que o torna mais do que um simples espaço geográfico. Queremos afirmar que nossa fé precisa de lugares inspiradores, que a fazem ter “alma”, “sentimento”, motivação. Neles aprendemos atitudes e

convicções. No *caminho de educação e amadurecimento na fé*, os lugares bíblicos são: Belém, Nazaré, Caná, Cafarnaum e Jerusalém.

#### 4. Momentos

No processo de educação na fé que desejamos descrever, há o que designamos de *momentos*. Eles são como *paradas, estações, pontos...* Nessa caminhada não há uma só corrida; são várias. Depois de cada uma, a gente pára, contempla e vive. Cada *momento*, por isso, apresenta múltiplas realidades a serem vividas e descobertas. Embora façam parte do mesmo *caminho*, os *momentos* são diferentes. Aos poucos, a gente vai vendo mais, admirando mais, sendo mais exigente no que se quer viver.

Com isso, podemos afirmar que os *momentos* constituem um espaço de tempo considerado ideal para o desenvolvimento do processo de formação integral proposta para as faixas etárias específicas. É um tempo propício para a descoberta da identidade pessoal e de grupo e para a vivência de experiência da fé, da personalidade, da afetividade, da solidariedade.

Um aspecto que não devemos esquecer é que os *momentos* dependem um do outro. Eles vão amadurecendo na medida em que amadurecemos neles. Se aqui a gente é criança, acolá somos adolescentes; se aqui a gente é ingênuo/a, acolá vamos sendo mais críticos; se aqui nos agradam mais as flores, acolá nos chamam a atenção os espinhos que machucam as pessoas; se aqui somos sem projeto, acolá sentimos a necessidade imperiosa de planejar a vida etc. Por isso os *momentos* são diferentes e os lugares são outros.

Na Pastoral Juvenil podemos destacar cinco *momentos*:

- A descoberta do caminho comunitário
- A descoberta do grupo
- A descoberta da comunidade
- A descoberta do problema social
- A descoberta da vocação e do projeto de vida.

Embora cada “descoberta” tenha relação tanto com o crescimento físico como com o amadurecimento na fé, precisamos levar em conta que os *momentos* destacados pela Pastoral Juvenil se constituem num processo dialético. Queremos dizer, com isso, que eles não estão organizados como gavetas, uma ao lado da outra, mas integrados uns aos outros, como uma rede em que não se percebe nem começo nem fim. Quem vive, por exemplo, o momento da descoberta da comunidade não pode deixar de lado a descoberta do grupo, da questão social e, até do projeto de vida. Naquele momento, no entanto, é importante que priorize tudo que se relaciona com a descoberta da comunidade. O mesmo vale para os outros *momentos*.

Falamos essas evidências porque temos a tendência de esquecer a dinamicidade que existe na “travessia da fé”. Achamos que, se nos encontramos em Jerusalém (lugar teológico), podemos deixar de lado Nazaré (lugar teológico); se já temos um tempo de caminhada, certas coisas que vivemos no tempo da “personalização” não são mais importantes etc. Esquecemos que um grupo que está iniciando, com suas características de personalização, esse grupo também tem suas “lutas” e – como falávamos outrora – sua “militância”. O processo é vida e a vida não se deixa prender.

Dessa forma, todas as descobertas são importantes; nunca terminam, mas são vividas em “processo”, cada qual com sua paisagem e seus cuidados especiais. Por isso tem lugares específicos de *alimentação* da mística, com expressões simbólicas que falam de jeito específico para o que vamos vivendo e descobrindo. Os *símbolos* vão expressando a realidade e a utopia de

cada *momento*. Valorizar um *símbolo* é uma forma de dizer, numa imagem, o que estamos vivendo e desejamos viver.

## 5. Símbolos

Assim como o *lugar*, o *símbolo* é muito importante. Ele é algo que carregamos em nós e que gostaríamos que os outros vissem e também vivessem. Ao mesmo tempo é a visualização de um compromisso. É tão pessoal que tem vontade de ser dos outros. Para a juventude, o símbolo caracteriza a identificação com uma causa ou com um ideal. Eles são sacramentais integradores da experiência espiritual e humana do jovem que revestimos de sentido, de lembrança concreta de todo esforço e amadurecimento conquistado na caminhada dos anos de compromisso com a proposta da Pastoral a qual pertencemos.

Os símbolos nos possibilitam ressignificar a leitura racionalizante das etapas e fases do processo de educação na fé para podermos degustar todo o sabor dos *momentos*, *processos*, *lugares*, *símbolos* e *místicas*.

Os Irmãos Maristas do Brasil, para cada “momento” conseguiram visualizar cinco símbolos. São eles:

- **A estrela de Belém**, com todo o seu sentido de nascimento e vida;
- **O Coração Acolhedor**, de mãos abertas, significa o processo de crescimento na fé, o acolhimento do outro e a solidariedade que devem ser exercitados cotidianamente.
- **Maria, a Boa Mãe**, lembra o compromisso de ser protagonista sensível à realidade do mundo que nos cerca, atentos às pessoas mais necessitadas.
- **A Cruz** que, mais do que morte, é o símbolo cristão mais evidente e lembra que assumir a missão cristã é uma atitude cotidiana de morrer para as injustiças e ressurgir para a vida.
- **As Três Violetas** representam o desejo e o compromisso de uma vida voltada para a vivência do projeto de vida, permeado pelos valores evangélicos e maristas.

O que segue, portanto, são reflexões simples, dentro de uma nova modalidade de pensar e vivenciar aquilo que conhecemos como “etapas” e “fases” no processo de educação na fé.

## PRESSUPOSTOS

Na compreensão dos *momentos* que serão apresentados, é importante termos certa postura quanto a alguns outros pressupostos da vivência do *processo*. Insistimos, dessa forma, nas **opções pedagógicas**.

Em todo o *processo* que desejamos incentivar e em todo o nosso trabalho que imaginamos, move-nos a convicção da importância de sete *opções pedagógicas*. Como nos lembra o CELAM, em *Civilização do Amor, Tarefa e Esperança*, as opções pedagógicas referem-se tanto aos instrumentos como às atitudes e estratégias para a evangelização da juventude, em coerência com a pedagogia pastoral e com a realidade dos jovens e dos grupos.

Cada “opção” apresentada é uma espécie de *ato de fé* na maneira de viver e trabalhar o anúncio da Boa Nova, especialmente com os adolescentes e jovens. Não se queira viver, por isso, a mística do caminho e do amadurecimento na fé, sem ter presente estas sete opções:

- a) a crença na importância básica da vivência comunitária, especialmente no grupo;
- b) a crença na importância radical de trabalharmos as dimensões da “formação integral”. A *formação integral* se dá quando trabalhamos bem a *personalização*, a *socialização*,

a *dimensão teológico-teologal*, a *dimensão política*, a *capacitação técnica* e a *questão do método*<sup>2</sup>.

c) a crença na importância do acompanhamento. Assim como é importante ter alguém que nos acompanhe na caminhada, é decisiva a vontade que temos, em nosso interior, de sermos acompanhados;

d) a crença no papel fundamental que tem, na vivência do processo, a organização. É a forma concreta de sairmos do isolamento e de aprendermos a ser *povo* e não *massa*. É a forma concreta de aprendermos a viver nossa vocação política;

e) a crença de que a juventude não é uma coisa homogênea, isto é, a crença de que é preciso trabalhar, de modo diferenciado, com diversas juventudes, com todas as conseqüências;

f) a crença de que o método não é algo acidental naquilo que fazemos. O método é que dá um estilo de vida para as pessoas e para as instituições;

g) Creemos no divino que há em cada jovem<sup>3</sup>. Numa teologia jovem revestida e encharcada com os símbolos e signos juvenis. É nosso credo pessoal. “Credo” que se transfigura num itinerário de fé que desejamos apresentar e deseja transformar-se em elemento substancial da vida dos grupos e, por conseguinte, da vida dos jovens que estão nos grupos. Que a *Vida* nasça nesses e faça perceber a vitalidade de nosso Credo.

## 1º MOMENTO: A DESCOBERTA DO CAMINHO COMUNITÁRIO

O 1º momento é o passo inicial no caminho e amadurecimento na fé vivida em grupo. O tornar-se humano é um exercício que só pode ser feito na convivência com o outro. Nascemos e permanecemos dependentes em fases específicas de nossa existência. Com os outros aprendemos a viver porque a convivência ajuda a significar, isto é, a dar sentido à afetividade e às experiências com o mundo. A dependência do outro é superada, em parte, quando se constitui uma relação natural de individuação e interdependência. Um grupo-comunidade é um espaço de desenvolvimento, onde as pessoas preservam sua singularidade, ao mesmo tempo em que se complementam e se humanizam.

Temos que ter clareza que um grupo, ao se constituir, se encontra numa situação instável de pessoas em maturação. O sentimento de pertença e de comprometimento das pessoas vai mudando esta situação.

No primeiro momento os jovens são convidados, ou melhor, “seduzidos” a vivenciarem uma nova experiência em grupo. Logo depois ocorre um período de encantamento, quando o grupo vai se reunindo, se conhecendo e se descobrindo. É o que se quer dizer quando nos referimos às fases do nascimento e da primeira infância. Todo cuidado e toda orientação são especialmente importantes para o desenvolvimento do grupo neste momento.

A assessoria, por sua vez, precisa estabelecer uma mediação significativa, facilitando a apropriação de modelos e referenciais que promovam o amadurecimento do grupo na fé. O assessor e/ou assessora, além de ter experiência de vida grupal, deve saber o que está fazendo no grupo. Sua ação precisa ser “intencional”, isto é, trazer consigo uma proposta pedagógica na qual acredita e a qual aprofunda e defende.

<sup>2</sup> Em “*Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais*” os bispos do Brasil falam do processo de personalização, do processo de integração, do processo teológico-espiritual, do processo de participação-conscientização e do processo metodológico.

<sup>3</sup> Veja-se o que os bispos do Brasil afirmam em “*Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas pastorais*” (2007), especialmente nos números 80 e 81.

O início de um grupo pode significar, para o adolescente e o jovem, um misto de angústia e alegria. “Angústia” porque se está diante do desconhecido, de novas relações, de posições que devem ser assumidas diante dos outros etc. Por outro lado, de “alegria”, por tudo que representa a novidade do grupo que, na multiplicidade das relações, motiva o jovem a querer “estar junto” para enfrentar as dificuldades.

O 1º momento remete-nos a Belém – lugar onde a humanidade acolhe a Cristo. Reveste-se da simplicidade da acolhida de uma família na periferia e nos inspira a vivência de valores a serem cultivados, especialmente a *acolhida* e a *confiança*.

### **A Estrela**

*O símbolo carrega uma energia que aponta nossa utopia. Para quem está disposto a começar e a sempre estar renovado na vivência de sua fé, a estrela de Belém fala de novidade, esperança, nascimento, luz, caminho, intensidade, força, chamado, sentido, convite, resposta, viagem, projeto de vida, objetivo e tantas outras coisas. Para o jovem que vive o momento de nascimento do grupo, o sentido da estrela se enriquece, e se torna um convite para o início da caminhada de vivência da fé. O símbolo não tem limites, assim como a fome de mística e a vontade de viver.*

### **O lugar é Belém...**

*Belém de Judá é uma cidade a 8 km de Jerusalém, plantada em cima de uma colina rodeada de vales férteis em trigo, cevada, azeitonas e vinhedos. Diz o Gênesis que Raquel, mulher de Jacó, foi enterrada em Belém (Gen. 35,19). Belém é o cenário de Rute, voltando com Noemi do exílio “quando estava começando a colheita da cevada” (Rute 1, 19-22). Belém é a pátria de Davi, o jovem frágil que derrotou Golias com sua inteligência. O profeta Miquéias apresenta Belém como o lugar do nascimento do príncipe da casa de Davi (Miq 5,2). Os judeus acreditavam que o Messias devia nascer em Belém (Mt 2,1-6). Jesus, de fato, nasceu aí numa manjedoura porque não havia lugar nas pousadas. Dizem que foi numa gruta sobre a qual Constantino mandou, posteriormente, edificar uma basílica, mas Justiniano construiu outra, existente até hoje.*

Belém está na alma da humanidade como lugar de acolhida. Deus fez aí sua morada, encarnando-se na realidade do povo... Não escolheu palácios, mas preferiu estar com os empobrecidos. Neste lugar há o encontro com a natureza, que se traduz no aconchego da gruta, no colo da mãe, na acolhida de uma família nascida na simplicidade e no desapego. Em Belém encontramos figuras maravilhosas como Maria, que guardava tudo em seu coração; como José, o homem que aceitou ser pai de um filho carregado de mistério; como os pastores, que foram os primeiros a receberem a notícia do nascimento do Messias esperado. Belém também nos recorda a figura dos magos que vieram em busca da Estrela, seguindo-a em sua vontade de saber o sentido daquele acontecimento especial.

Belém é periferia e é nela que nasce a salvação. Na imaginação do povo, Belém não se compreende sem estrela: a estrela da esperança, do caminho e do sentido. Em Belém há anjos cantando a boa notícia da chegada do menino... Uma notícia de paz que atravessaria séculos. Belém é, ao mesmo tempo, gruta e caminhada. Foi lá que chegou o casal bendito. Belém faz pensar no controle romano através do recenseamento, que garantia a opressão. Ao mesmo tempo em que é hospedagem, acolhida, notícia de algo muito bom, Belém é rejeição, pois “não havia lugar para eles dentro da casa” (Lc 2,7). Em Belém que se realizou a epifania do Senhor. Foi aí que Deus se revelou para o mundo. Foi aí que a piedade dos magos ofereceu ouro, incenso e mirra. O “menino” nasce envolto em mistério, dentro da realidade. A vivência de fé também é uma graça que nasce dentro da realidade.

### **Aspectos da mística vestida de valores...**

Na caminhada do grupo, à medida que o jovem vai se conscientizando do seu processo de crescimento na fé, precisa estar claro que, neste primeiro “momento”, é necessário cultivar os valores da *acolhida* e da *confiança* encontradas em Belém, de modo que seu significado se transforme em atitudes. Queremos dizer que na mística de Belém brotam aspectos importantes para formação do jovem.

a) Começemos pela *acolhida*. Todos temos a necessidade de sermos acolhidos no grupo, na comunidade, na família, na Igreja (precisamos ser e ter uma gruta...). Infelizmente, José e Maria foram mal acolhidos. A experiência do amor de Deus se manifesta de maneira especial nos laços de amizade que os jovens criam uns com os outros. Neste vínculo que se estabelece, o jovem se descobre, se conhece e se sente importante. Pensemos na amizade, da qual o jovem precisa, porque está numa descoberta primeira. Relacionada com a acolhida temos, também, a *auto-estima*. Faz parte da vivência da fé gostar de nós mesmos. Gostar do mistério que está em nós. Num contexto onde a auto-estima é baixa, na juventude e em geral, a mística de Belém, da acolhida é mais necessária do que nunca. Para todos e todas.

b) Belém é o lugar da *confiança*, manifestação da força do “sim” dado por Maria no momento da anunciação (Lc 1, 26-38). José confia na encarnação do Verbo e, mais tarde, alertado pelo anjo, põe-se em fuga com Maria, para protegê-la. (Mt 1, 20-21). Os pastores vão às pressas contemplar o menino na manjedoura (Lc 2, 8-15). Os magos seguem a estrela pelo deserto com a confiança de que encontrariam o menino, conforme dito na profecia (Mt 2, 5-6). Quando percebem a má intenção de Herodes tomam cuidado de mudar o caminho. Na vivência da fé em grupo e na construção de relações, o jovem se depara com essa mística de Belém, desenvolvendo e exercendo a confiança em si, no outro e em Deus, procurando ser autêntico e ter espírito crítico na constituição da sua identidade. A vivência grupal precisa conquistar o coração do/a participante. Como é importante, por isso, trabalhar bem o processo da personalização!

c) Outro aspecto da mística de Belém é a *vivência do empobrecido*. A descoberta e a consciência da pobreza desafiam o jovem, porque os pobres não fazem parte do mundo que imaginam. Fazer campanhas ou ser voluntário em instituições de caridade não deve ser encarado como mero assistencialismo, mas uma forma de o outro se encarnar em nossa vida. Ajudar o jovem a descobrir o outro, na sua *radicalidade*, é ajudá-lo a perceber que existem empobrecidos, resultado de uma sociedade injusta. Nada mais “forte” para o jovem e o adolescente do que o outro se apresentar vestido de pobre. Não é por acaso que Deus se fez pobre...

d) Um quarto aspecto da mística de Belém é o *espírito de busca*. Além da busca de José e de Maria por uma pousada, podemos encontrar os pastores buscando o menino, os magos seguindo uma estrela. Qual é o jovem que não busca a sua identidade? É a mística de Maria e José, dos pastores, dos magos e de todos nós. Aquelas perguntas existenciais que todos formulamos: “Quem sou? De onde venho? Para onde vou?” Topar com o desafio de ser “eu mesmo” e não o que os outros desejam que eu seja. Precisamos encontrar uma estrela, precisamos ouvir o canto dos anjos... Essa expectativa dá força para a caminhada grupal e pessoal. O bonito é que ninguém busca em vão. Quem de nós não quer *boas notícias* para encher a vida de sentido?

e) Em Belém também encontramos *medos e conflitos*. José e Maria têm que fugir para o Egito porque o menino tornou-se inimigo sem saber... A boa intenção dos magos se depara com o veneno de Herodes. Sair do mundo tranqüilo da dependência, “nascido de novo” para assumir a vida com os próprios pés, não é algo fácil. Há adultos que desejam que a “criança” não deixe de ser criança. O adolescente sente o convite para ser ele mesmo e isso lhe causa medo. O grupo pode ser o lugar onde esses medos, essas dúvidas e essas perguntas sejam colocadas em comum e se transformem em desafios. Um deles é não deixar que amizade, por exemplo, se transforme

em “amicismo”, isto é, a amizade de superfície. A mística de Belém nos ensina que é preciso abraçar o diferente como parte de nós. A amizade aproxima-se da descoberta do outro e do diferente. E isso é fantástico! Por outro lado, os magos descobriram que a intenção de Herodes não era das melhores e tiveram que tomar outro caminho. Nem tudo convém. Aos poucos a consciência vai despertando e sussurrando que, se quisermos viver a mística de Belém, não podemos ficar imaginando um mundo de romantismos ingênuos. Igualmente, não devemos perder a vocação de sermos a encarnação da poesia e da gratuidade.

Vivendo o espírito de Belém, tudo nos fala uma coisa que o jovem sonha: simplicidade. Em outras palavras, ser o que ele é. Não fomos criados para “representar”, mas para sermos nós mesmos. Na gruta, os magos do Oriente, tomaram um banho de simplicidade. Tiveram que se convencer que Deus é simples. Não só simples, mas “modesto”, desprezioso, que não se realiza no apego às coisas materiais. Os magos viram que Deus, antes de tudo, é! (Ex 3,14). A mística de Belém é um convite para ser tudo isso, do jeito do menino.

## 2º MOMENTO: A DESCOBERTA DO GRUPO

Na caminhada do processo de educação na fé, o segundo passo é A DESCOBERTA DO GRUPO. É o momento em que o grupo vai-se reunindo e se organizando, estabelecendo relações, descobrindo a importância do outro e de si mesmo, despertando para o compromisso comunitário. O jovem e o grupo vão descobrindo o valor e a importância de se assumirem como protagonistas da história. Além de tudo, vão começando a perceber as contradições que permeiam a nossa realidade e a nós mesmos/as, confrontadas com o projeto de Deus. É, portanto, um momento de conflito e discernimento em que se espera levar o jovem ao compromisso do discipulado de Jesus Cristo.

Em meio a inúmeros significados e sentidos, o jovem, tanto consigo mesmo como na relação com os outros do grupo, vai aprendendo e se constituindo como “sujeito inteiro” e permanentemente inacabado, revelando sua identidade, suas aptidões, superando suas crises e conflitos, reconhecendo seus limites e potencialidades. É um momento propício para o exercício da autonomia, da percepção de sua capacidade e responsabilidade. Vai-se reconhecendo a presença de Deus na vida, chamando o jovem a dar continuidade à proposta libertadora de Jesus, isto é, desta experiência Deus que se torna próximo do jovem mostrando-se como um Deus que é Pai e Mãe, mistério, comunhão e missão, Uno e Trino, que se revela na Trindade e se manifesta nos sacramentos e na vida comunitária.

### ***Símbolo: o Coração Acolhedor***

*Para vivenciar o momento da descoberta do grupo propõe-se, como símbolo, o coração acolhedor. Um coração que acolhe a amizade, a compreensão, a família, a comunidade, a vocação, o conflito; um coração que acolhe a si mesmo, o diferente, a realidade de gênero, a capacidade de escuta e de curiosidade, o afeto; a capacidade de mergulhar na vida e no amor de Deus. É igualmente um coração que partilha. Não é egoísta, que se fecha em si, mas é altruísta, que se abre para o outro e assim se faz sujeito com outros sujeitos nas relações que estabelece com o mundo, crescendo, a exemplo de Jesus, em estatura, sabedoria e graça (Lc 2, 52). É, portanto, fonte cristã de vivência do amor ao próximo, daquele que tudo deixa para se colocar a caminho junto com outros, em vista da construção da civilização do amor.*

### ***O lugar bíblico é Nazaré***

*Nazaré é uma bela localidade da Galiléia, ao norte de Israel. Fica a 22 km do Lago de Tiberíades. Há muitas flores e o seu próprio nome, em hebraico, fala de “florescer”. Tem raízes antigas, remontando até os anos 900 a.C. Descobriram-se aí silos para os cereais, cisternas para água e vinho, mas ela nunca foi muito considerada. “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo. 1,46) perguntavam-se as pessoas. Tornou-se conhecida porque aí se deu a Anunciação e porque José e Maria foram morar lá depois da fuga para o Egito. Além disso, Jesus Cristo viveu aí cerca de 30 anos, antes de sua vida missionária, por isso foi conhecido como “Jesus de Nazaré” ou então, Jesus, “o nazareno”. (Mt 2,23) Foi em Nazaré que Jesus falou de sua missão, mas seus compatriotas não gostaram nada e quase o mataram. (Mc 6,1-6). Nazaré está distante do centro do poder (Jerusalém). Nazaré é local para onde os discípulos foram enviados para fazer a experiência do ressuscitado.*

O grupo – assim como toda pessoa – passa pela fase da adolescência. Uma fase linda, misturada com os turbilhões das descobertas e as dores das perdas infantis. É importante, por isso, vivermos a mística de Nazaré, como lugar de amadurecimento de Jesus, que se reveste de alguns aspectos que, além de tudo, nos dão um fundamento bíblico e teológico do que se vai vivendo. No espírito desse momento – de descoberta do grupo – Nazaré continua sendo fonte da acolhida, revestindo-se de uma novidade: a partilha.

### ***Aterrissando em Nazaré...***

a) Nazaré, em primeiro lugar, é *família e crescimento*. Aprender a ser filho é uma aventura que começa, mas não termina; aprender a ser pai e mãe também não tem final marcado, é aprendizado no cotidiano. Não nos esqueçamos que Maria e José foram educadores e Jesus foi filho e aprendiz da vida. Assim como os pais são as referências, esses não podem impedir o desenvolvimento da personalidade do filho. A família é o ninho ao qual se volta, porém é preciso romper com ela. A passagem da dependência para a autonomia é algo que inicia no tempo da adolescência e o grupo é um espaço privilegiado onde o jovem desenvolve a sua autonomia. O exemplo que nos vem à cabeça é o de Jesus no Templo, no meio dos doutores. Afasta-se dos pais, mas volta a Nazaré para – como diz o Evangelho – crescer em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens (Lc 2, 52).

b) Nazaré é, em segundo lugar, *adolescência e juventude* vividas como um processo. Percebe-se que o crescimento vem carregado de novidades. Tudo se desenvolve, não só o corpo; também a curiosidade, o relacionamento, os sentimentos, os afetos. A adolescência e a juventude com suas inquietudes e inseguranças, são tempos de questionar a relação consigo mesmo, com o grupo, com a sociedade, com a ecologia, com Deus, e com os diferentes meios nos quais estamos inseridos. É o momento de romper com o egocentrismo, deixando de se ver como único no mundo, e de se abrir para o outro. Até o mundo que parecia ser de determinada forma, de repente aparece de modo diferente. Nazaré é um mundo que se descobre e se supera... Por que Jesus, quando voltava mais tarde para Nazaré, não era bem acolhido?

c) Em terceiro lugar, Nazaré é o lugar do *trabalho* e do *estudo*. Nazaré é bonita, empobrecida, situada na periferia; é comunidade onde se convive. É ali que se dá a iniciação à Torah, a lei de Moisés, e à vivência religiosa. É o lugar onde Jesus trabalha, aprende a profissão de seu pai e, aos poucos, vai descobrindo as desigualdades entre os habitantes da cidade. Os romanos detinham o poder central, reforçando o preconceito de classe que havia naquele tempo e que persiste ainda nos dias de hoje. Assim, na caminhada do grupo, essas diferenças são elementos importantes para se compreender a existência das outras pessoas e as relações de poder e classe que se fazem presentes. Como na vida de Jesus, a centralidade da palavra de Deus é o elemento desencadeador de processos de consciência, alimento para nossa fé, superação de um pensamento ingênuo e constituição de um pensamento crítico.

d) Nazaré é, igualmente, o *lugar da convivência*. Na família, em primeiro lugar, mas depois fora dela. Não se sabe quando, mas um dia a família do adolescente e do jovem passa ser o grupo de amigos. Iniciam-se as aventuras das coisas mais “arriscadas”, inocentes e menos inocentes. João Batista era da idade de Jesus. É difícil imaginar os dois, cada um com seu jeito forte de ser, descobrindo coisas de adolescência e juventude? É muito difícil conceber que todos, da vila de Nazaré, tenham sido da mesma classe. O espírito de Nazaré vai revelando – para quem quiser – um mundo de realidades ao mesmo tempo amigáveis e conflitivas. E isso vai mexendo no coração da adolescência. Até o despertar da consciência de classe oferece sua fisionomia atrevida e agressiva. Na mística de Nazaré, come-se açúcar e sal. É o outra entrando na nossa vida.

e) Por último, Nazaré é o lugar da *descoberta da missão e do protagonismo*. Foi em Nazaré que Jesus passou seus mais longos anos e onde sofreu a primeira rejeição porque descobriu que tinha uma missão. Nem todos sabem que têm uma missão... As pessoas não são iguais e quando despertam para o protagonismo e o empoderamento, a reação nem sempre é de acolhida, nem por parte dos pais nem por parte da comunidade (Lc 4, 22-30). Basta recordar o que as Escrituras contam de Jesus quando tinha 12 anos e peregrinava, junto com os pais, para o Templo em Jerusalém e como ficou em meio aos doutores para aprender, perguntar e intervir. O menino faz uma primeira afirmação questionadora para seus pais que o procuravam carregados de aflição. A frase de Jesus é muito vigorosa: “Não sabiam vocês que eu devo estar na casa de meu Pai?” (Lc 2, 49). Assim como Jesus, o grupo vai descobrindo sua missão e vocação, despertando para um projeto de vida.

### 3º MOMENTO: A DESCOBERTA DA COMUNIDADE

E a vida, isto é, o “processo”, continua. A descoberta da comunidade é outro “passo”. Dentro da vida e dentro do processo, nós e o grupo. Nesse processo sempre há novidades, sempre há o que celebrar. A descoberta da comunidade aproxima-nos mais da festa e a juventude é a encarnação desta celebração e da mística da festa que precisa ser fomentada todos os dias. Ao final de tudo, Deus quer que vivamos em comunidade e façamos da vida uma festa. O lugar bíblico que escolhemos para localizar esse “momento” do processo da educação na fé é Caná porque é festa de casamento e o casamento se dá na comunidade.

O processo de crescimento na fé vai indo além do grupo. Defrontamo-nos com Jesus jovem, numa festa, dando sentido para ela. Assim como Jesus assume sua missão para a qual veio, o grupo vai descobrindo, também, a sua missão através de planejamentos, de compromissos na comunidade e no meio em que se insere. O adolescente se transforma em jovem. O grupo adolescente se transforma em grupo jovem. O grupo vai aprofundando sua identidade. Por isso, uma nova mística também vai lançando suas raízes: a mística de Caná, relacionada com a descoberta das necessidades da comunidade. O vinho que falta são os desafios e carências que a sociedade tem e que provocam o grupo a assumir sua missão.

#### ***Símbolo: A Boa Mãe***

*O símbolo que nos acompanha para representar este 3º momento do processo de caminhada na fé é a Boa Mãe. Em Caná a Boa Mãe, além de comprometida com a realidade concreta da festa, o casamento, é amorosa porque alegre-se com os que vivem um momento importante em suas vidas. Acolhedora e presente, é realista e capaz de perceber para onde vai a missão de seu Filho, não deixando de ser a intercessora e a protetora dos que estavam ameaçados por uma necessidade. Como Maria, somos convidados a ser discípulos fiéis, mediadores das carências do povo, colocando-nos a serviço, com identidade definida. Foi em Caná que Maria, além de ser Mãe, aprendeu a ser discípula do próprio filho que criou. Tornamo-nos “modelos” e*

“referências” se em nós palpita a vontade de sermos sempre mais seguidores de Jesus, do jeito de Maria.

### **O lugar é Caná**

Caná é um povoado da Galiléia, que se localiza a 8 km ao norte de Nazaré, onde Jesus realizou seu primeiro milagre. Seu primeiro “sinal” se concretizou na festa de um casamento para o qual fora convidado com os discípulos, onde Maria, sua mãe, também estava presente (Jo. 2, 1-11). Jesus, com os seus, já era grupo. O fato é que, no decorrer da festa de casamento, o vinho estava terminando e Maria intercede junto ao filho para que desse um jeito. Jesus diz: “minha hora ainda não chegou” (Jo. 2,4), mas aceita o pedido da mãe. Segundo os exegetas, o casamento é o símbolo da união de Deus com a humanidade realizada na pessoa de Jesus. Sem Jesus, a humanidade vive uma festa de casamento sem vinho. Maria, aliviando a situação constrangedora, simboliza a comunidade que nasce da fé em Jesus. “Façam o que Jesus mandar” (Jo. 2,5) disse ela e deixou o filho numa situação provocadora. Assim como Jesus assume sua missão, Maria além de mãe passa a ser discípula. Perto de Caná, vindo Jesus da Judéia, ocorrera outro fato extraordinário: um funcionário do rei que tinha um filho doente e foi pedir a ajuda de Jesus (Jo 4, 46-50).

### **Diferentes trajés de Caná**

a) A mística de Caná vem revestida de diferentes trajés. O primeiro é o da *novidade*: o primeiro milagre, a festa de uma vida nova a dois, a vida que adquire sentido deixando de ser água para transformar-se em vinho de alegria e esperança. Podemos, até, dizer que quem está na comunidade é mais. Caná pode ser considerado o lugar onde começa a vida pública de Jesus, onde o grupo descobre que não tem sentido apenas para si mesmo. Tem sentido se for comunitário. Assim como Jesus, o grupo começa a sair de si mesmo, ainda que isso não seja tão tranquilo. Revelar-se aos outros exige uma saída que nem sempre é fácil. Pertencer a uma realidade mais ampla, apesar de ser algo desejado, exige mortes, amadurecimentos e superação de medos. Aprender a ser “sinal” exige testemunho, isto é, coerência que muitas vezes se exige dos outros para ser, também, uma exigência nossa. Jesus se apresenta a partir da provocação de sua Mãe. Caná se traduz em mística da novidade.

b) A mística de Caná tem um segundo traje, muito bonito: o da *festividade*. Apesar dos problemas que vão sendo descobertos com o amadurecimento da consciência crítica, dando-nos conta que na vida social falta vinho, é preciso fazer como Jesus: dar um sentido de esperança e de alegria para um mundo que não nos deixa de convidar para a tristeza da desesperança. Vinho é alegria. O jovem e o grupo descobrem que é para isso que eles são a encarnação da novidade. Deus não nos chamou para a morte, mas para a vida; nosso Deus não é um Deus de mortos, mas de ressuscitados no cotidiano (cf. Mc 12, 27). O maravilhoso é que a descoberta da própria missão se dá num clima de festa. A missionariedade não é um fardo, mas a explosão da vida que se sente chamada para ser doação.

c) Importante dar-nos conta que é na mística de Caná, uma mística de festa, que Jesus assume seu *protagonismo* como pessoa sujeita de sua história e como filho de Deus. Mesmo que reclame da mãe, ele sabe que nem sempre a hora depende de nós mesmos. A “militância”, da qual tanto falamos, não deixa de ser uma graça que recebemos. Na mesma linha de festividade, o projeto de vida se concretiza e reforça a missão. A elaboração deste projeto é alimentado pelo sabor do vinho da festa de um casamento. A própria necessidade que se vai sentindo é que o mundo precisa de uma transformação radical e não de atitudes reformistas, isto é, transformar água em vinho. É parte da mística de Caná. A própria Mãe de Jesus, talvez sem querer, vê mudada sua vida quando deixa de ser uma grande mãe para ser a primeira grande discípula, aprendendo a ser ela mesma com a ajuda do filho. Podemos dizer que Caná é um momento importante na juventude de Jesus: assumindo sua vida, libertando-se de dependências,

abraçando a humanidade em seus sonhos e carências, sendo testemunho para os discípulos que não deixavam de acompanhá-lo em todos os seus gestos.

d) Outro sentido da mística de Caná relaciona-se com a graça do *discipulado*. “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), disse Maria. Precisamos aceitar a sermos discípulos. Em Caná, assim como Maria, aprendemos a ser discípulos e a ter Jesus como referência em nossa vida. Nem sempre pensamos na profundidade do que significa Jesus para nós, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Assim, Maria tem o importante papel de nos recordar, a todo o momento, este aprendizado. Precisamos estar atentos, pois no caminho do discipulado sempre se apresentam situações imprevisíveis.

e) Na mística de Caná, encontramos uma outra feição de profundas repercussões no povo de Deus: a *aliança*, símbolo de amor e de compromisso. Assim como o casamento simboliza a festa da união de Deus com a humanidade, este é o momento onde o grupo procura dar respostas à proposta do projeto de amor que Deus tem, assumindo posturas de comprometimento consigo mesmo, com os outros e com o projeto de construção do Reino, na comunidade. Da mesma forma, a mística do assessor encontra em Caná uma fonte de celebrar sua aliança com o jovem, com o grupo, bem como a aliança do jovem, especialmente dos coordenadores, com o grupo, e do grupo com a sociedade, a Igreja... porque o sonho de Deus é, enfim, uma aliança vivida por todo o universo. Deus chamou-nos pra viver como Ele: concretizando a aliança com o povo. Esta aliança é muito concreta, ensinando-nos a ler os sinais dos tempos, isto é, a observar tudo com os olhos da justiça.

f) Caná carrega em si, ainda, outra dimensão importante para a vivência do processo de educação na fé. Referimo-nos à *vivência sacramental*. A transformação da água em vinho foi o primeiro “sinal” da prática de Jesus. A vida sacramental, especialmente da Eucaristia e da Penitência (Reconciliação), não pode ter um aspecto secundário na vida de quem deseja ser discípulo, ser protagonista e alimentar-se da festa e da novidade, celebrando a plena aliança com Deus e com o povo. Estamos falando da pessoa e do grupo. Estamos falando de inserção na comunidade. A juventude não será “sacramento da novidade” se o sacramental não fizer parte da vida da pessoa. Não basta ser “jovem” de corpo; é preciso ser “jovem” de expressão, isto é, de sinal em seu sentido integral. Perdemos-nos em nossa utopia se não a comeremos e bebermos como se bebe e se alimenta a garantia de viver em espírito de vinho e não de água.

Na passagem da festa de Cana é possível percebermos elementos simbólicos que nos remetem à vida em sociedade. A festa de casamento traz em si o sentido da aliança, onde se assume o desprendimento de si, do projeto de vida individualista para o planejamento de um sonho conjunto. A comunidade da festa é a base onde se buscará apoio para esse projeto. Os convidados são aqueles aos quais queremos bem e fazemos questão que estejam ao nosso lado. O vinho é a vida. É o elemento que nutre e garante a força que alimentará os sonhos. Jesus está entre os convidados e, naquele contexto, faz parte da sociedade do bem querer. Ao ser interpelado pela sua mãe, questiona-se: “por que eu?” Depois percebe a sua responsabilidade de liderar a renovação da alegria e do sonho, representado pelo novo vinho na festa.

O grupo jovem é uma comunidade que inicialmente se constitui de pessoas que se aceitam e se identificam pelos seus ideais. As dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e a própria dinâmica do grupo podem fazer com que o “vinho acabe”. Assim como Jesus, o jovem pode perguntar-se “por que eu?”. Logo em seguida, lança seu olhar sobre a comunidade, o grupo, e percebe a importância de sair do comodismo, empenhando-se no seu revigoramento junto à comunidade.

## 4º MOMENTO: A DESCOBERTA DA “QUESTÃO SOCIAL”

Além ou acima da comunidade está a sociedade no seu todo, incluindo a comunidade. No seu mistério, o processo de Deus trabalhando em nós faz que essa sociedade apareça diante de nós em seu funcionamento nem sempre tão simples de ser compreendido. As perguntas que se fazem relacionam-se a esta realidade que nos rodeia, nos influi e, por vezes, nos esmaga. Essa descoberta, olhada com senso crítico, entra dentro de nós devagar, mas com força. Até resistimos a essa revelação. Até podemos rejeitá-la...

Na descoberta do “problema social” (que preferimos chamar de “questão social”) pela pessoa e pelo grupo, a fé se mistura sempre mais com a vida e as opções se tornam atividades concretas. Intervenções... Vamos descobrindo que a Igreja não é nada mais que um sacramento do Reino de Deus e que, por isso, precisamos sair dos muros eclesiais para nos atirmos para o “mundo” onde a Igreja tem sua missão. Os limites de atuação se ampliam, por isso, na sociedade e no mundo; na intervenção das pessoas; no andar não mais sozinho, como massa, mas como cidadãos organizados.

### ***O símbolo: A cruz,***

*O símbolo que dá sentido a este 4º momento da descoberta da questão social é a cruz. Não colocamos a cruz do Calvário em posto secundário; a Cruz do Calvário foi vivida, contudo, no espírito de doação de Cafarnaum. Foi ali, na doação diária, que a cruz foi adquirindo seu sentido. “Carregar a cruz” é assumir, na radicalidade, o cotidiano da vida a serviço dos irmãos, agindo, falando, ensinando, sendo perseguido e não deixando de dedicar longas horas para o cultivo da missão que seu Pai lhe revelara. A mística de Cafarnaum é, por isso, simbolizada na cruz. Jesus ensinava aos discípulos que “se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga” (Mt 16,24).*

### ***O lugar bíblico é Cafarnaum***

*O 4º momento, da questão social, leva-nos a Cafarnaum. Cafarnaum significa “aldeia de consolos”. Localiza-se às margens do lago de Genezaré, na Galiléia. É uma região rica na agricultura e na pesca. Por ser uma região de fronteira havia muitos postos de polícia. Ali trabalhava Mateus como coletor de impostos e foi escolhido, com escândalo para alguns, como apóstolo; ali Jesus curou o filho do centurião romano. Este, mesmo pagão, ajudara os judeus a construir uma sinagoga. Jesus fez Cafarnaum como centro de seu apostolado e fez ali importantes pregações e muitos milagres, como o paralítico (Mt 9, 2-8), o leproso (Mc 1, 40-45), a sogra de Pedro (Mt 8,14-15), a filha do chefe da sinagoga (Mc 5, 22-43) e outros.*

Cafarnaum é o lugar que Jesus escolheu para centralizar a sua missionariedade. Cafarnaum, para os discípulos de Jesus, significa “milagres” e mais milagres. Jesus começa, ali, a vivenciar a sua missão de anunciador da Boa Nova através de muitos “gestos”. No Evangelho de Lucas (4, 31- 9, 50) tudo se relaciona aos fatos acontecidos em Cafarnaum. A mística de Cafarnaum caracteriza-se por atividades, conflitos e milagres. É neste local, após ter rezado na montanha, que escolhe os doze discípulos (Lc 6, 12s). Depois Jesus segue sua caminhada para Jerusalém.

Sendo Cafarnaum o centro do apostolado de Jesus, o jovem – na mística de Cafarnaum - é chamado a ser apóstolo de outros jovens. À medida que ele assume sua missão dentro do grupo depara-se com situações de conflito que, às vezes, o desanimam. É essencial ressaltar que Jesus passou por situações de conflito em Cafarnaum: “Ai de você, Cafarnaum”, diz Jesus. “Será erguida até os céus? Será jogada no inferno, isso sim” (Lc 10,15), no entanto, quando se volta

para o Pai encontra força para continuar sua missão. Também o jovem procura superar o conflito tendo em vista o objetivo do grupo.

### *A mística de Cafarnaum*

O 4º momento – o momento da descoberta da questão social – bebe, portanto, sua mística em Cafarnaum... No processo de educação na fé, estamos frente a uma pessoa comprometida com o Reino, não poupando energias para anunciar a Boa Nova.

a) A mística de Cafarnaum é a do *contemplativo na ação*. O jovem, assim como descobre o problema social, contribui para a organização da sociedade. Percebe a presença de Deus no cotidiano da sua ação pessoal e grupal, conhece a realidade a sua volta e, através do exemplo de Jesus, realiza a ação transformadora. Assim como Jesus anuncia e denuncia, o jovem descobre na caminhada que é chamado a ser profeta do seu tempo e no meio em que ele vive (cf Lc 4,17-19).

b) A segunda feição de Cafarnaum é a do *compromisso*. “Compromisso” exige despojamento, espírito missionário, contato com a realidade que se transforma em “compaixão”. A opção é pelo Reino que evoca a vontade do Pai: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo. 10,10). Na gratuidade, Jesus doa sua vida no compromisso com o pobre e com o excluído e Ele mostra seu olhar misericordioso. Para termos um coração “misericordioso” precisamos ter “compaixão”, isto é, “sofrer com”. As pessoas precisavam de uma palavra de esperança e de libertação. Precisavam de pessoas “compassivas”. Para viver isso é necessário ser radical. “Quem põe a mão no arado e olha para trás não serve para o Reino de Deus” (Lc 9,62). No grupo de jovens o compromisso assumido é a peça de engrenagem que leva à transformação da realidade. Assim como Jesus, o jovem traz dentro de si o desejo de mudança pessoal, social e eclesial. Ele se encanta com a pessoa e a causa de Jesus, com a pessoa do outro e faz sua opção pela Vida Plena.

c) Na vivência da mística de Cafarnaum chama a atenção a *crise*. Jesus vai descobrindo que, mais do que milagres, o povo precisava de atitudes de doação. A partir de seus compromissos e orações, começa a perceber que era preciso ir a Jerusalém, centro do poder, para testemunhar o que dizia na periferia. Com esse enfrentamento, Ele dimensiona as reais conseqüências da sua opção: “O Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos homens. Eles o matarão, mas no terceiro dia ele ressuscitará” (Mt 17, 22-23). Na vivência da fé, o jovem passa por vários momentos de crise e dúvida. É nesses momentos que o jovem reavalia posturas e vai ao encontro à sua essência. Sem “crise” não há avanço; sem “crise” a água fica estagnada; sem “crise” não crescemos. Por isso é preciso sermos sérios diante das crises.

d) Uma outra característica é a *coragem*. A coragem não se define pela ausência do medo, mas pela vontade de enfrentar as dificuldades e querer ir além dos próprios limites. A coragem que encontramos em Cristo é munida de uma interioridade que se pode definir por quatro aspectos: a liberdade absoluta, inclusive diante da lei; a consciência de sua missão, que vai aperfeiçoando nos encontros de oração; o amor apaixonado à pessoa humana, especialmente os mais empobrecidos; e a fidelidade à vontade do Pai, a si mesmo e a quem ama. Podemos dizer que foram estas as características da mística de Jesus, isto é, de sua interioridade. Jesus prova sua coragem ao dar a vida e ao afirmar que a entrega “porque quer” (cf Jo. 10,18). Tudo isso lhe dá “autoridade”, decisão e fidelidade ao povo. Ele é o bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas (cf. Jo. 10,11), exemplo que nos inspira e nos encoraja a superar as barreiras pessoais e posicionar-nos diante das necessidades de realidade social.

e) Foi na sua “militância” em Cafarnaum que Jesus nos ensinou que é preciso *preparar os que desejam pôr-se a serviço do Reino*. Ele despertava nas pessoas novas posturas de vida, falava da importância da oração (Lc 11, 1ss) e do espírito missionário (Mt 10, 1ss). Foi em Cafarnaum que Ele falou das parábolas do Reino, das Bem-aventuranças e proferiu o Sermão da Montanha (cf Mt 5). O jovem como apóstolo, no seu serviço ao Reino motiva outros jovens a vivenciar e experimentar no cotidiano, o processo de educação na fé. Se o apóstolo não se prepara, não lê, não estuda, não reza, não bebe água do modelo que é Jesus Cristo, pouco valerão suas atividades porque, na atividade, precisamos estar de corpo e alma.

## 5º MOMENTO: DESPERTAR DA VOCAÇÃO E AMADURECIMENTO DO PROJETO DE VIDA

A realidade nos chama e a missão não nos deixa acomodar. Somos chamados a sermos sal e luz; lâmpada que se acende e a todos ilumina (Mt 5, 13-16) e a sermos casa que se constrói em cima do rochedo (Mt 7, 24 e 25). A militância e a vivência madura na fé são uma realidade que se vive no dia-a-dia. Não nos satisfazem as respostas imediatas e prontas que o sistema oferece. O espírito de compromisso e de construção de novas possibilidades guia-nos à busca da ação refletida, da intencionalidade, da consciência crítica, da organização e da opção pela vida. Quem vive isso não estaciona.

No 5º momento vivemos o despertar da opção vocacional que leva o jovem, inspirado em Jesus Cristo, a assumir-se como sujeito histórico e a se comprometer com os outros na construção de um mundo mais justo, mais livre e mais igual. É, também, um “momento” de coerência e de vivência de atitudes em que se tem consciência e se abraça uma causa. É o momento em que, fazendo-se uma leitura coerente da realidade, somos capazes de discernir, interagir e protagonizar ações transformadoras.

No entanto, para que o jovem protagonize ações transformadoras, para que ele seja sal da terra e luz do mundo, há de cultivar a vida de oração. Estamos em Jerusalém e Jerusalém nos recorda sempre que Deus deve estar em primeiro lugar. A oração fortalece a missão que norteia a militância. O militante compreende que o significado e o sentido da sua vida, movida pela fé, tem mais vigor quando a Eucaristia significa fonte, exigindo doação.

Este é o último momento (nunca terminado) do processo de crescimento da fé. Não é o fim nem o ponto de chegada, mas o momento que o jovem “morre” para a vivência do grupo, mas não para a vivência comunitária, ressuscitando diariamente no compromisso consciente para com todos aqueles que necessitam. A “vida nova” é revelada nos compromissos que se assumem e na esperança de construção de uma nova terra (Is 65 16ss). É o tempo de fazer nova todas as coisas (Ap 21, 5) na certeza de que o homem comerá, beberá e desfrutará do fruto do seu trabalho (Ec 3, 13).

### **Símbolo: As três violetas**

*O símbolo sugerido para este momento é o das três violetas. As violetas são flores pequeninas e delicadas que possuem uma vitalidade fortíssima e que conseguem alterar, com discrição, o local onde se encontram com sua graciosidade e seu perfume. Elas falam da humildade, da simplicidade e da modéstia.*

*Síntese do carisma Marista e sinal de compromisso com a causa de São Marcelino aos jovens, principalmente aos menos favorecidos, as violetas supõem uma ação profética embasada na vida de doação e perseverança do fundador e nos ensinamentos de amor e de perdão de Cristo. Elas refletem o espírito com que devem ser vividos os valores e enfrentados os contra-valores de Jerusalém e L’Hermitage.*

*As três violetas são, também, as três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade. Elas representam o desapego das coisas, a autoridade como serviço e a vivência do amor incondicionado a Deus. As três violetas são, ainda, a expressão da vida trinitária da qual somos imagens. O processo de educação na fé amadurece-nos para abraçarmos com*

*radicalidade a proposta do Reino desejado pelo Pai, revelado pelo Filho e construído pelo Espírito. Na alegria de nosso processo concluímos que somos imagens de um Deus que é Vida.*

### **O lugar bíblico é Jerusalém**

*Jerusalém e seu Templo não foram rejeitados por Jesus, pelo contrário, até chorou imaginando Jerusalém e o Templo destruídos. Para lá ele ia sozinho ou com seus pais. O evangelista Lucas concebe Jerusalém como um lugar privilegiado: começa e termina seu Evangelho no templo de Jerusalém e agrupa os episódios da vida de Jesus numa “subida a Jerusalém” (Lc 9, 51). No tempo do nascimento de Jesus havia os que esperavam a “redenção de Jerusalém” (Lc 2,38). Na transfiguração fala-se de um êxodo para Jerusalém porque “não convém que um profeta morra fora de Jerusalém” (Lc 13,33). Jesus sobe a Jerusalém para que se cumprisse tudo que estava escrito pelos profetas (Lc 18,31). O evangelista acentua a ruína próxima da cidade que não compreendeu a mensagem de paz nem reconheceu o tempo da salvação. Jesus chora sobre ela porque será aniquilada (Lc 19, 41-44). Paulo percebe Jerusalém como lugar onde as primeiras comunidades dão forma à missão cristã. Ele entende, no entanto, que a salvação não se restringe somente aos judeus, mas deve atingir todos os povos.*

Para percebermos a mística que perpassa este 5º momento temos que ir a Jerusalém como lugar inspirador. Jerusalém é referência riquíssima para a Igreja e para a humanidade e será uma fonte inesgotável de inspirações para quem deseja saborear o processo de educação na fé. Ela é um símbolo de um “lugar” que precisamos conhecer.

Jerusalém é, ao mesmo tempo, a *cidade santa*, lugar milenar de peregrinação, encarnação da religiosidade do povo judeu e a *“cidade maldita”*, centro do poder, da opressão e da exploração. É a expressão mais violenta da contradição e do conflito. Assim como Jesus chora sobre a cidade, ele expulsa os vendilhões do Templo. É em seus arredores que Jesus é crucificado. É nela que ele instituiu a Eucaristia, coração da Igreja ou, como diz o Vaticano II, “fonte e ápice da vida cristã e de toda evangelização” (“Lumen Gentium”, nº. 11). Nela Ele ressuscitou e encorajou os discípulos a iniciarem a Igreja. Jerusalém é, de fato, um lugar teológico único onde a lamentação de uns se encontra com a radicalidade do projeto de vida de outros. Jerusalém é o caminho da cruz e o lugar da entrada triunfal de Jesus sendo aclamado pelo povo. É no Templo dessa cidade que se encontram os sumos sacerdotes, promotores das explorações mais sarcásticas em relação à ignorância do povo. É a cidade da acolhida e do conflito, da paz e do medo. Assim como se encontram, nela, as declarações mais amorosas de um Deus que se fez homem, deparamo-nos aí, também, com a traição, a negação e a exploração religiosa. Assim como é um lugar de reza e de promessas, em Jerusalém nos deparamos com o martírio e o enfrentamento ao império. Fruto da fé judaica, é o berço do cristianismo. Jerusalém é um mistério que perpassa séculos. Assim como é chamada de “Esposa” (Apocalipse) não deixa de ser a grande meretriz. Para quem amadurece na fé, Jerusalém é tudo isso ao mesmo tempo, sem perder sua aura de sentido onde a vida vence a morte, mesmo que seja no enfrentamento.

### **Aspectos da mística de Jerusalém....**

a) A mística de Jerusalém é a mística do conflito, intimamente relacionada com o processo de educação na fé levado ao amadurecimento. Alguns aspectos são fundamentais para quem está vivendo neste espírito de “militância”. O primeiro aspecto relaciona-se com *o conflito na vivência da fé*. A fé, traduzida em uma opção de compromisso com a transformação, incomoda. Não se trata de fanatismos, mas de coerência entre a vivência pessoal e a experiência de fé. Jerusalém ensina que seguimento não é neutralidade, mas definição de opções. Jesus foi morto porque enfrentou o centro do poder não direcionado para o povo. A ida de Jesus para Jerusalém é o caminho de quem se sente interpelado para a vivência radical da fé. Seguir esse apelo supõe maturidade e preparo, tendo que enfrentar a possibilidade de ser considerado subversivo e blasfemo. Jesus afirma que entrega a vida livremente, o que nos dá a dimensão do preparo que

tinha em seu anúncio de justiça e liberdade. Jerusalém nos confronta com a espiritualidade do servo de Javé, que na expressão do profeta Isaías, se aniquila para dar vida. (Is 42)

b) Relacionada com a opção de fé, está a capacidade de *enfrentar os* mais sérios *desafios*. Uma fé madura significa ser coerente na luta por uma causa, muito mais quando se tem clareza de que essa causa é o Reino. A concretização do Projeto não mede sacrifícios, nem da própria vida. A mística de Jerusalém vai vestida de coragem, ousadia e perseverança, pois está em jogo aquilo que é absoluto na causa assumida pelo militante: o Reino.

c) Jerusalém se torna, em Cristo, além de um lugar teológico, um *espaço pedagógico* em que o Mestre mostra a seus discípulos o sentido mais radical da missão: a cruz. Neste sentido, Jerusalém pode ser entendida como o ápice da missão de Jesus. Os discípulos de Emaús, depois de caminharem com o ressuscitado, retornam para Jerusalém. Havia outros lugares mais acolhedores, onde seria mais fácil dar continuidade à Missão de Jesus, mas a experiência de Emaús ensinou-os a responder aos apelos e desafios da realidade não na periferia mas no centro do poder. Revela para nós que a fé não é um mundo à parte, mas precisa misturar-se na realidade e assumi-la em toda a sua complexidade. É preciso ser “contemplativo na ação”, ter consciência crítica sem medo de crescer neste conhecimento nas situações humanas e nas realidades divinas. A mística de Jerusalém faz suscitar em nós a necessidade da inserção e participação na sociedade.

Jerusalém nos desafia a termos consciência da realidade em que estamos inseridos. Mostra a diferença entre autoridade-serviço e autoridade-exploração. Aponta que mesmo o poder religioso pode desviar-se do caminho de promoção de vida. Jerusalém nos desafia a termos clareza com relação aos cenários de Igreja em que vivemos. Ao mesmo tempo em que Jerusalém nos revela nossos limites, abre possibilidades indescritíveis de generosidade. Nunca deixa de ser verdade que o máximo do projeto de vida de qualquer pessoa é ser capaz de dar a vida pelo outro. A vida de fé sem a mística de Jerusalém é incompleta. Vivê-la é ter a grandeza de Maria aos pés da cruz; é ter a esperança de uma Madalena que levou perfumes para o sepulcro onde Jesus estava. Jerusalém, lugar de conflito, serviço, aprendizado e desafios, é a fonte inspiradora do militante na construção da Civilização do Amor.

## BOA CAMINHADA

Tendo contemplado com olhos de cristãos o mistério da fé que vive em nós, teríamos que dizer uma palavra a mais, não de conclusão, mas de “espírito de caminhada”. Todos vimos que os cinco “momentos” não são cinco; que os lugares bíblicos são aqueles, mas não são somente aqueles; que as representações não deixam nunca de serem “representações”; que o nosso discurso, por mais racional ou poético que seja, não consegue expressar a beleza do processo da fé fervilhando na gente. Reafirmamos, contudo, a beleza da caminhada que conseguimos descrever alimentando nosso modo de ser cristão. É bem provável que os que leram e as muitas mãos que escreveram tenham tido uma reação que gritava, lá dentro, “que beleza!” acrescentando, a cada momento, as belezas que não foram escritas. Também isso é “processo” porque nosso Deus – e nós nele – somos vida.

Temos que confessar, por isso, que faltaram muitos “lugares” mas faltou, especialmente, um espaço bíblico que precisamos retomar agora, depois dos “momentos” que contemplamos e vivemos. Não queremos falar de um novo “momento”, mas de um “momento” dentro de todos os outros, onde o que vale e o que inspira é o Caminho, a Verdade e a Vida. Referimo-nos à *Betânia*.

Betânia é uma pequena povoação, perto do Monte das Oliveiras. A vida bem perto da morte... Em Betânia ficava a casa de Marta, Maria e Lázaro (Jo. 11,1ss), onde Jesus procurava descansar e onde Jesus ressuscitou a Lázaro. Em Betânia, na casa de Simão o leproso, Maria ungiu os pés do Salvador (Jo. 12, 1 ss; Mt 26, 6-13), com escândalo de Judas e de outros. Foi em Betânia que Jesus pediu a dois discípulos que procurassem o burro no qual ele montaria na entrada em Jerusalém (Lc 19 29ss). Foi para Betânia que Jesus saiu depois da entrada solene em Jerusalém (Mc 11,11). Lucas nos conta a cena da Ascensão como ocorrida em Betânia (Lc 24,50).

Como “conclusão” vai, por isso, este convite: dentro da mística que procuramos cultivar em nosso processo de educação na fé, não deixemos de dar, muitas vezes, uma chegada em Betânia! Betânia tem muitos aspectos ricos que nos podem alimentar. Vamos acentuar somente alguns, talvez nem os mais importantes:

- 1) Depois que Jesus expulsara os vendilhões do templo, derrubando as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas (Jo. 21, 12s), irritando profundamente os sacerdotes e doutores da lei e alegrando as crianças cantando “Hosana ao Filho de Davi”, Ele foi para Betânia, “onde passou a noite”. Betânia era um lugar de descanso e de refúgio. Todos precisamos ter “momentos” e “lugares” de recompor as forças e acarinhar a fé que vai brotando em nossa vida. De preferência, um lugar tranqüilo e acolhedor, onde floresce amizade e afetividade.
- 2) Foi em Betânia, na casa de Simão o leproso, durante uma refeição, que entrou na casa uma mulher, ungiu Jesus com um perfume precioso (Mc 14, 1ss), com escândalo dos presentes, também de Judas Iscariotes que saiu dali disposto a trair Jesus. No crescimento da fé somos levados, por vezes, a cometer “loucuras”, a dedicar tempos que outros não compreendem, a renunciar a vivências que outros acham bobagem etc. Estas atitudes são frutos de nossas betânias... Lembremos que foi em Betânia que João Batista foi inquirido se ele era o Messias e ele responde que não, mas que o Messias estava no meio deles e ele não era nem digno de desamarar a correia das sandálias dele (Jo. 1, 19-28). Há vezes em que precisamos perguntar-nos e sermos interrogados sobre a honestidade de nossa vivência de fé.
- 3) Betânia, para Jesus, era a casa de seus amigos, tanto os que moravam lá como os que iam com ele para “não fazer nada”. Talvez rir da vida e falar das coisas que vão acontecendo. Talvez para nada; só para estar. Lugar de tomar vinho, de conversar, de avaliar, de curtir uma vida de “comunidade” que toma aspectos de família. A nova família... Não era só Lázaro; não era só Marta; não era só Maria, era João o evangelista, era Maria (a mãe), era Pedro, era tanta gente... Uma comunidade! Todos precisamos de Betânias para fazer da vida uma festa. Não nos esqueçamos que Lázaro morreu em Betânia e que Jesus, ao vê-lo morto, chorou. Chorou, aliás, duas vezes: ao pressentir o que fariam de Jerusalém e chorou porque um amigo dele morreria... “Vejam como ele o amava”, dizia o povo (Jo. 11,36). Não nos esqueçamos que foi, também, em Betânia que Jesus repreende a Marta porque “tem muito a fazer” e não faz como Maria que fica “perdendo tempo” com Jesus (Lc 10, 38ss.). Vimos que a vivência do processo da fé nos faz ser “contemplativos na ação”, isto é, agir de tal forma que tudo se torna ação e tudo se torna oração. Para conseguir isso, contudo, precisamos de Betânias.
- 4) Para vivermos tudo que vimos na explosão da fé dentro da nossa vida, as Betânias vão sendo sempre mais necessárias. Não é hora de contemplarmos tudo que significou o “sinal” da ressurreição de Lázaro que o evangelista conta com tantos pormenores (Jo. 11, 1-54). Além de ser a casa do repouso, da convivência, da amizade com mulheres e homens, foi também a casa onde a morte se tornou mais uma ameaça para Jesus, tanto assim que Ele começou a se refugiar em Efraim (Jo.11, 54). Os discípulos vendo que Jesus estava decidido a ir novamente para a Judéia (Betânia fica na Judéia), questionam-

no com um “vais de novo para lá?” (Jo. 11,8) recordando que, há pouco, o quiseram apedrejar. É que Lázaro, seu amigo, “adormecera” (Jo. 11,11) e era preciso acordá-lo... Betânia leva-nos a pensar na vida que não termina, isto é, na ressurreição. Mesmo que haja sofrimentos, queixas, reclamações, choros (também de Jesus), perseguições, ameaças, morte, necessidade de refugiar-se, a última palavra é de vida.

Gostaríamos de “concluir”, por isso, a descrição do caminho da educação e do amadurecimento na fé, depois de passarmos em Belém, em Nazaré, em Caná, em Cafarnaum e em Jerusalém, com tudo o que significa uma Betânia em nossa vida. Betânia deve estar em todos os “momentos”. Se para todos que elaboraram esse “discurso” a descoberta aqui apresentada foi uma alegria e uma revitalização do mistério da fé borbulhando em nós, como seria bom que os “leitores” dessas “letras” descubram novidades nunca imaginadas. Por isso, uma “boa caminhada!”